



Mademoiselle MARIA DO PILAR SOTTO MAYOR

Nº 321 Lisboa, 15 de Abril de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SECULO 43



PARA AS CRENÇAS

CONSTITUE UMA ALEGRIA O TOMAR A

SOMATOSE LIQUIDA

QUE É, SEM DUVIDA, UM REMEDIO IMPRESCINDIVEL NA INFANCIA.

AS CRENÇAS QUE, SEM CAUSA APPARENTE, PERDERAM A ALEGRIA E O APPE-
TITE, E SE APRESENTAM TRISTES, E SEM ENCONTRAREM NOS FOLGUEDOS O MENOR
INTERESSE, PELO USO DA SOMATOSE LIQUIDA, EM POUCO TEMPO RECOBRAM A SUA
ANTERIOR SAUDE, TORNANDO-SE FORTES E SADIAS.

A SOMATOSE LIQUIDA É UM REMEDIO ABENÇOADO POR MILHARES
DE MÃES QUE A ELLE DEVEM A ALEGRIA E A SAUDE DOS SEUS FILHOS.

EXIGIR SEMPRE O FRASCO ORIGINAL MARCADO

COM A

CRUZ DE BAYER



A PRIMAVERA EM LISBOA

O CULTO DAS FLÔRES



Do ultimo plano para o primeiro: Srs. capitão d'artilheria João Carlos da Cunha Cabral, Manuel d'Arriaga Brun da Silveira, Roque Manuel d'Arriaga, Dr. Luiz Xavier da Costa, D. Maria Maxima d'Arriaga da Cunha Cabral, D. Maria Amelia d'Arriaga Xavier da Costa, D. Maria Izabel d'Almeida Pinheiro d'Arriaga, D. Maria Maxima d'Arriaga da Cunha Cabral, Henrique de Barros, D. Maria Cristina d'Arriaga Barros, D. Maria Adelaide d'Arriaga, S. Ex.º o Presidente da Republica dr. Manuel d'Arriaga, D. Maria Amalia d'Arriaga da Cunha Cabral, menino Luiz Maria d'Arriaga Xavier da Costa, D. Lucrecia de Barredo Furtado de Melo e Arriaga esposa do chefe do Estado, João d'Arriaga Xavier da Costa, Joaquim d'Arriaga da Cunha Cabral, Maria L. d'Arriaga Xavier da Costa, Maria Izabel d'Arriaga da Cunha Cabral, Mariana d'Arriaga Barros, Afonso Manuel d'Arriaga Barros, Maria d'Arriaga Xavier da Costa, Mateus d'Arriaga Xavier da Costa



Desabrocham as flôres nos jardins, veem os passaros cantar nas ramarias. Ha no espaço um deslumbramento, na alma uma alegria, na terra uma germinação. Eis a primavera, esta linda primavera que enche de luz os espaços e de perfumes os jardins. A casa portugueza cintila com o sol e embalsama-se d'aromas. Não ha quintalejo onde não floresça um malmequer,



Aspetos do Jardim de Sua Ex.^a o sr. Presidente da Republica



Não estraguem as flores!...

onde não volteie uma borboleta d'azas iriadas, onde uma mulher de claro deixe de fazer o seu ramilhete; não ha aí por essa cidade fóra janellita de costureira na qual não cante um pintasilgo e não se anuncie um botão de rosa no pobre vasito de barro, não ha meza onde as flores não estejam a dizer das alegrias d'este tempo.

Logo que chegou o primeiro sopro primave-

ril as varandas encheram-se de folhas verdes; veiu uma côr mais rosada aos rostos e das portas, á tardinha pela fresca, saem bandos de creancitas loiras com os bibesitos frescos que vão para os jardins publicos quando as suas casas os não teem, apesar de Lisboa, ainda assim, sem ser terra de jardinetes á frente das moradas, contar já muitos d'esses desafoços onde

se cultivam roseiras e se janta á tarde sob caramanchões.

Com a moradia moderna veio um gosto diferente para as coisas da existencia; toda a gente desejou engalanar mais a sua vida e desde os que compram nas ruas as mólhadas baratissimas de violetas aos que penetram nas estufas misteriosas das dalias raras, toda a gente ama as flôres n'esta terra



Aspetos do Jardim do sr. Joaquim da Cunha Soto Maior

senhoriaes onde se cultivavam com arte essas magnificencias. O culto da flôr era como um rito. Agora o culto da flôr entrou no commercio e a lisboeta já pôde entrar n'um estabelecimento a comprar um *bouquet* que ha de florir o seu



florida. Já dentro das flútes elas aparecem nas salas, transbordam dos centros de mesa a morrerem no calor dos pratos que se vão servindo, estão nas jarras bem nacionaes do nosso Bordalo, nos nossos gabinetes de trabalho, porque para rosa de Portugal não ha como jarrinhas portugueza.

O artista teve o cuidado de as fazer bem ao sabor da nossa raça; nós, quando sentimos a arte, fômos buscal-as.

Antigamente toda a gente que queria florir a sua botoeira, encher de rosas a sua meza, presentear uma linda mulher, tinha que recorrer á propriedade privada, a esses grandes jardins

formoso seio. Quando a primavera chega as flôres teem a sua aurora. Aparecem em toda a parte, são tantas que até já se mostram em exposições e em especies raras.

Mas não são apenas as casas que elas perfumam. Agora andam nas botoeiras e nos peitos das senhoras que sobem

á tardinha, devagar, a Avenida ampla, ou passam, fugidias, a sorrir sob o veu, na galgada do automovel. As suas petalas parecem dizer que ha uma alegria n'aquela que as leva, que existe n'ela um gosto de viver.

E distante do coração da cidade, n'aqueles quintalejos que occultam as casas, vem um aroma pelas noites, no silencio, quando as rosas se deixam beijar pelo luar; além das varandas o mesmo odor; em toda esta terra de luz como um grande hino sobe.

As quintas arrabaldinas essas então estão povoadas pelas côres vivas das flôres que des-



No jardim do sr. Joaquim da Cunha Soto Maior, o mais belo e o maior jardim particular de Lisboa:

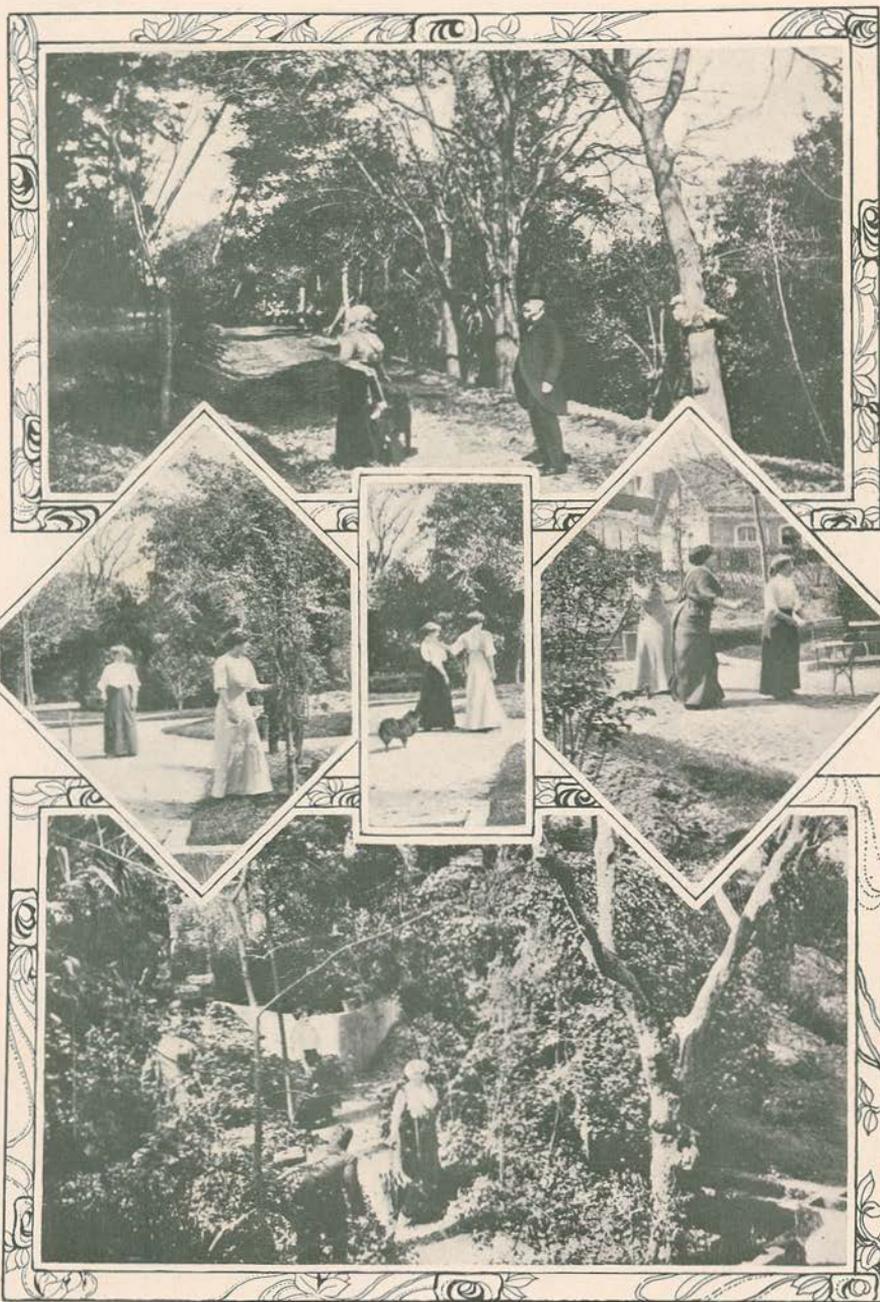
O proprietário com sua família

No primeiro plano: sr.^a D. Ana Soto Maior Castelo Branco, sr. José Soto Maior,
sr.^a D. Leonarda Valente e sr.^a D. Maria do Pilar Soto Maior

No segundo plano: sr. Joaquim da Cunha Soto Maior,
sua esposa sr.^a D. Madalena Soto Maior e sua sogra sr.^a D. Madalena Mensa

abrocham, os botões de rosa, os lírios estilizados, as belas flôres da estação de ritmos e de harmonias em que as abelhas zumbem em vol-

ta das corolas e as mulheres cantam na doçura das sombras. Não ha ninguém que deixe de sorrir a uma flôr como se sorri a uma creança



Aspetos dos jardins do sr. Soto-Maior

(Clichés de Benoliel)



No Jardim do palacio Anadia, residencia do illustre medico
D. Tomaz de Melo Breyner
As creanças da casa: Maria, Izabel, Antonio, Luz, Conceição e o menino John, filho
do consul de Inglaterra sr. John Sommers Cocks

e a uma mulher, porque de todas elas chega como uma nota de simpatia que nos atrae e fortemente nos prende.

Parece que n'este tempo de luz e de aromas ha mais juventude e ha mais desejo de viver ao sentir-se que uma terra que assim desabro-



(Cliché de Benotiel)

cha as rosas dentro em pouco será exuberante em verdes espigas.

Do norte ao sul já anda mais gente na labuta, já andam mais risos nos labios, já soam mais cantigas; nos



Aspetos do jardim da residência do sr. dr. D. Tomaz de Melo Breyner



jaruins citadinos gravemente á tarde as senhoras conversam e a pequenada corre por esse enorme jardim que é Portugal; a vida remoça, as almas criam esperanças novas porque a nossa linda primavera é uma esperança de sempre.

Se sofremos, se desesperamos, se alguma coisa tem perturbado a nossa vida, tornando-a mais amargurada pelo pardejar dos invernos, assim que a luz da primavera chega, com as suas flôres, as suas aves, as suas alegrias, desde que podemos florir a nossa boteeira e vêr floridos os peitos femininos, chegam instintivamente aos nossos labios as frases do poeta:

*Mocidade primavera da vida
Primavera mocidade do ano*



A MORTE DO GIGANTE

IMPRESSÃO DADA PELO CORTE E QUEDA DO PINHEIRO



O corte e a queda do pinheiro
(Todos os clichés d'este artigo são do distinto fotógrafo-amador da Marinha Grande,
sr. João de Magalhães)

Quantas coisas nos ensinam materialmente nas escolas que só compreendemos e assimilamos muitos anos depois! Quantos episódios trágicos e heroicos nos descrevem e dos quaes pela vida fóra nada encontramos que nos dê a impressão!

Por mais vivamente que nos pintassem Briareu baqueando sob a clava de Zeus, Golias sob a funda de David, ou Ferragut sob o montante de Rolando, nunca fizemos idéa de como a terra tremesse tão pavorosamente com a queda de um ser vivo, embora gigante. Só fizemos essa idéa, só sentimos vibrar todo o nosso ser como o solo debaixo dos nossos pés, quando assistimos pela primeira vez ao derrubar de um pinheiro.

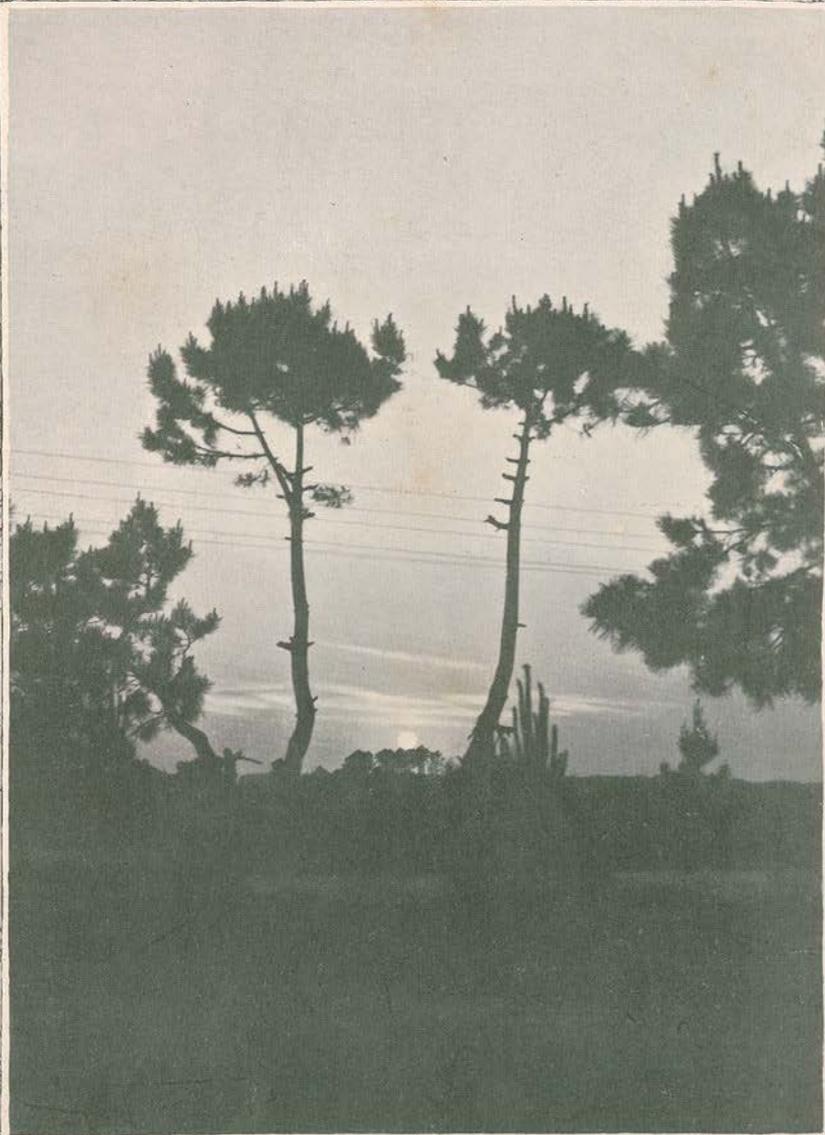
Aqueles machadadas, alternadas como marteladas ciclopicas, tem o som cavo, arripiante, característico dos golpes jogados contra o arcaboço humano; a seiva que dimana da ferida hiperoxidada-se, enegrece, empasta-se como sangue gollado das arterias; todo golpeado de um lado e mal preso do outro pelo alburno, o pinheiro começa a oscilar e a ranger desesperos surdos e, depois de um momento de ansiosa indecisão, como que terrivelmente atordoado, mais duas machadadas lhe fazem perder o equilibrio, e o gigante tomba inteiriçado, alando os braços ramosos, retezados contra a resistencia do ar, esgalhando os que encontra na queda, despedindo a uma grande distancia um chuveiro medonho de pinhas e de gravetos, despegados n'esse estrebuchar titanico, e produzindo, ao estender-se sobre a terra-mãe, onde fica ainda a arfar, um som unico, incomparavel, cujas vibrações singulares se apoderam de nós como correntes galvanicas, um som que nunca mais nos sae dos ouvidos e da alma, como o do mar que bate contra o casco esvasiado do navio atirado sobre os cachopos, com o das primeiras pás de terra que caem sobre um cai-



A sangria do pinheiro para lhe tirar a resina, destinada pela destillação ao fabrico da agua-paz e do pez



Uma vasta duna subjugada por uma sementeira nova de pinhal



xão mortuario! Foi então que nos revolteou namente quanto a vida das arvores tinha de comum com a nossa e achamos a explicação da lenda de que os gigantes nasciam da terra. Ai os temos, no nosso paiz, esses be-

Um extasiante pôr do sol, visto da orla do Pinhal de Leiria, junto ao mar, na região da Marinha Grande

los gigantes que fixam 'ao longo da costa milhares de hectares de dunas perigosas, cuja marcha invasora não havia exercitos armados que a pudessem tolher; esses bellos gigantes, que tão pouco nos custam a



Steres de lenha medidos sobre o terreno

Pilhas de taboas a secar

sustentar, e que exportamos em tóros, taboas e vigas, n'uma importância anual de cerca de mil contos, não se podendo calcular a quantos mil sobe a importância do que fica para consumo do paiz.

A' sombra benéfica do pinheiro acarinhados e protegidos; no seu marulhar, noite e dia, ha, ora vozes que intimidam, desafiando a tempestade, ora doces modulações que nos segredam a quietação com infavel ternura; as fortes emanações das suas variadas essencias saneiam o ar e temperam-nos prodigiosamente o sangue; a sua larga respiração



e o seu forte poder condensador são os melhores reguladores das chuvas; as suas raizes, que até a brem caminho pelas fendas estrangulantes dos penedos para se fixarem e beberem nas profundidades, detem as aguas dos montes n'uma reserva previdente e evitam a formação de torrentes destruidoras.

E, se esses muitos milhares de hectares de baldios, dunas e charmeas, que se alastram por esse paiz fóra como nódoas da nossa incuria administrativa, se convertessem em pinhaes, veriamos então como era o pinheiro que devíamos a nossa maior riqueza.



Uma enorme duna arremessando-se contra pinheiros velhos, que lhe resistem valentemente.
 4 - Um carreiro conduzindo lenha para as fabricas de vidro da Marinha Grande

O CONFLITO DA CHAMUSCA



1—A farmacia Imaginario, aonde se encontram mais vestigios de balas
 2—Hospital da Misericordia d'onde saiu a procissão quando se dispararam os tiros estando indicado o logar do Centro Republicano

O povo da Chamusca realisou a procissão dos Fogareus, dando-se uma grave questão entre os livres-pensado-

4—Paços do concelho da Chamusca

3—A comissão delegada do Centro Democratico de Santarem com o sr. Alvaro Mineiro, delegado do Centro Republicano da Chamusca, que foi obrigado a fugir de noite da villa vestido de mulher

res e os catolicos, de que resultou a morte, d'um individuo dos que acompanhavam o cortejo e nove feridos.

A Semana Santa em Lisboa

Dialogo á porta d'uma igreja

—Os mortos governam os vivos no sentimento e na ação. Disse-o por outras palavras e demonstrou-o com exceccional subtilidade o psicologo, tão experimentado como profundo, que se chama o sr. Bourget...

—Hoje ardente espiritualista e póde dizer-se que absolutista

timentos, por que foram feitas para libertar e não para opprimir...

—E' certo. E não menos o é que a propria critica religiosa, baseada toda na mais austera investigação scientifica e que em nossos dias de frente com tamanha e tão nobre andacia os raios que lhe fulmina o Vaticano, se mostra



2—O sr. general Leopoldo de Gouveia, na Sé



1—Saíndo da Sé 4—A porta dos Martires 5—Seminaristas Ingleses á saída da Sé



3—Uma devota

convencido em materia de politica... Realmente, estes vivos que, trajando luto, percorrem as ruas e visitam as igrejas, uns com seu ar de sincera compunção, outros como quem naturalmente se despenha de uma tarefa imposta pelos habitos sociaes, andam, embora não dêem por isso, governados pe os mortos, quer outros vivos queiram quer não...

—São ellos muito dificeis de quebrar, os que prendem ao passado, sobretudo quando se radicam no coração e no misterio do além. Tal o caso. Os abusos e os crimes perpetrados em nome de Jesus, as fogueiras, as matanças, as torturas inquisitoriaes, presididas pelos ministros da religião á sombra dos altares, não lograram, a despeito da incredulidade de hoje e da indifferença geral, extinguir de todo nas almas os sentimentos religiosos herdados e transmitidos de geração em geração.

—Como as leis, inspiradas em nobres intuitos emancipadores e que não devem ter interpretação e applicação diversas da sua letra e—o que é mais—do seu espirito, nunca poderão sufocar esses sen-

impotente, apezar das suas esmagadoras conclusões, para abalar, de chofre, crenças que se beberam no leite, se argamassaram com lagrimas e constituem o calmante unico de inarraveis, intimas dores...

—Vão lá falar á mãe aflita no sr. Strauss, no sr. Renan, ou no sr. Loisy!

—Que se importa ella do que escreveram esses senhores... Da Virgem dolorosa sim, com suas sete espadas no peito, no rosto pallido as perolas do pranto, nos labios de rosa murcha um balbucio de prece, os olhos rasos de agua postos no filho pendente da cruz... Senhora das angustias, prototipo da resignação e do martirio, consoladora dos tristes, patrona dos desamparados, refugio das mães que sofrem e buscaram lenitivo,—ella é ainda agora a intercessora cheia de prestigio para a qual se erguem as vozes supplicantes que imploram as graças do ceu...

—E como lhes basta, ás mães, para excitar a sua comovedora piedade e atear a labareda purificadora da sua fé, a tosca figura engendra-



1—Saída da Encarnação

2—A caminho da Encarnação

da pelo imaginário anónimo e de tão pobres recursos estéticos, com a colaboração do incarnador, que lhe aplicou prodigamente o arco-iris da sua paleta!

—Temol-as em barda nas igrejas de Lisboa, onde em geral a falta de senso artístico do clero soube estragar o que havia de bom, juntando aos velhos mamarachos, que era seu dever suprimir, a fancia franceza dos Cristos loiros de risca ao meio e olhos azues...

—A devoção meridional esmera-se muitas vezes em afetuosos testemunhos de simpatia para com determinadas imagens, embora imperfeitas e até grotescas. Ainda se não esqueceu o episódio de Coimbra com a procissão da Rainha Santa, ao tratar-se de substituir no cortejo a antiga imagem pelo precioso lavor de Teixeira Lopes. Os devotos fizeram ouvir os seus protestos. E eis porque a sensibilidade d'esses e d'outros nunca se alvorçou ante o mau gosto dos que vestem de panos os marmores e as talhas das igrejas e adornam os altares com ramalhetes de flores de papel...

—Como o Senhor Morto foi osculado sexta feira santa nos Martires! A escultura de madeira jaz sob o altar envidraçado, a modo de urna, e coberta por um veu roxo de lhama de ouro... As mulheres, de todas as classes sociais, desde a senhora elegante, vestida de veludo ne-



3—Na Sé 4—Na Sé em quinta-feira maior 5—Nos Martires 6—No largo das Duas Igrejas

gro, que se apeia do autómovel, até á creatura do povo, de mantilha ou lenço, que calcuiriou as colinas da cidade á busca de igrejas abertas, benziam-se todas ante o vulto do divino cadaver e aguardavam, pacientemente, a sua vez de unir a boca aos pés do Cristo n'um demorado beijo, ajoelhando, uma a uma, no supedaneo e estendendo o pescoço, n'um movimento difficil, para satisfazerem aquella arriscada devoção...

...—A tal ponto arriscada que ortodoxísimos prelados, como o de Madrid-Alcalá, a proibiram, ou, pelo menos, desaconselharam aos seus diocesanos. Coisa verdadeiramente anti-higienica, em que a superstição religiosa não repara, se é que não supõe gosarem as imagens e as suas roupadas d'uma celeste imunidade...

—E quantas preferencias! Por este ou por aquela Senhora... E, com effeito, uma religião especial, a d'um grande numero de crentes; religião que se afeiçoá a imagens, a reliquias, a preconceitos familiares e se não ageita á rigidez dos dogmas nem ás imposições dos mandamentos; religião sincopada, reduzida, modificada, travestida e amenizada, segundo as exigencias do meio, a estrutura moral e a illustração de cada fiel...

...—O que levou Guerra Junqueiro a observar que em Portugal existem muitos pa-



pas, porque quasi todo o portuguez costuma dizer quando se fala de crenças:— «Eu tenho cá a *minha* religião...»

—Mas como quer que seja, a religião da semana santa, com os seus tronos flamejantes como piras, as sua: amendoas e



1—Depois do sermão da Encarnação

os seus rosmanniños, os seus calvarios e as suas lamentações, a sua aleluia e a sua pascoa tel-a-hemosainda, por largos, incontáveis anos, a refflorir em todas as primaveras, como a natureza cujo despertar se quiz ver simbolicamente retratado nos mistérios do rito cristão...

—...E com agrado de mercadores, modistas e confeiteiros, ainda dos que hajam feito taboa raza de todas as crenças e se ufanem de livres-pensadores irreductíveis...



3—Quinta feira santa na Encarnação

4—Da igreja para o confeiteiro

2—Em quinta-feira é porta da Encarnação

—Porque, sem duvida nenhuma, as devoções possuem tambem um aspecto economico e que não é o de somenos importancia. Ha santuarios celebres que são a vida, o sangue, a riqueza de algumas povoações. Veje-se Lourdes e como a gruta da margem do Massabielle resistiu á iconoclastia franceza...

—Caso para pensar, quando os exageros demolidores pas-sam além da meta!



A PASCOA NA LEGAÇÃO DE ITALIA



1—No Jardim da Legação 2—Grupo de crianças na escadaria do Jardim 3—Na escadaria do Jardim 4—As crianças depois da festa

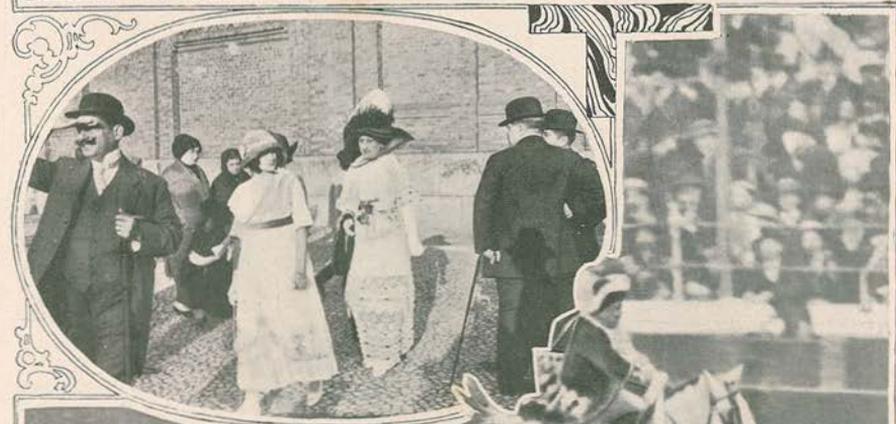
INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA TAUROMAQUICA



1—Na corrida inaugural:
colhada do bandarilheiro
Francisco Xavier
2 e 3—Depois do divertimento



4—A' volta do espetáculo



1—Depois da corrida. 2—A' saída da tourada
3—A colhida do cavalo de Eduardo Macedo
(Clíchés de Benolie)

A Exposição de Pintura Hispano-Portuguesa



QUADROS E EXPOSITORES

- 1—Columbano 2—Madame Raul Lino, quadro de Columbano 3—Bulhão Pato, quadro de Columbano
4—Constantino Fernandes 5—D. Emília dos Santos Braga, que expõe os quadros *Fumadora d'opio e Indecção*
6—José Málhõa 7—*Abandonados*, quadro de Constantino Fernandes
8—*Festejando o S. Martinho*, quadro de Málhõa



1—O pintor Antonio Carneiro, que expõe o quadro *Ester* 2—O escultor Tomaz Costa, que expõe *Hebe, Venus e David*
 3—O escultor Julio Vaz, que expõe o *Octogenario* 4—O escultor João da Silva, que expõe
Funerailles de Atala 5—O escultor Simões d'Almeida, Sobrinho 6—O escultor Costa Mota, que expõe o bronze
Bernardim Ribeiro 7—O pintor João Vaz
 8—*Infancia*, estatua por Simões d'Almeida, Sobrinho 9—*Sado*, entardecer, quadro de João Vaz
 (Clichés Benollet).



FIGURAS E FACTOS



O PÃO E AS FLORES

Na inauguração do «Jardim de Lisboa», em festa de caridade

Pombas, soltae o vôo! Vinde á festa do bem.
Sobre as flores em monte, espalhae com ternura
os sorrisos do pobre a pensar na ventura
que a caridade em flor lhe levará tambem.

Em cada violeta um beijo de piedade,
na rosa perfumada um átomo de amor,
e assim, pombas gentis, mandae em cada flor,
num sentimento ideal, o apêlo á caridade.

E á miseria que sofre angustiosas dores,
ireis depois levar, á sua escuridão,
um lampejo de luz, nesse abençoado pão,
que a Caridade espalha em grinaldas de flores.



1—2— D. Lutegarda de Caires, autora das *Poemas*, formosa coleção de poesias, de que se transcreve *O pão e as flores* 2 e 3—O eclipse do sol: Os astrónomos srs. Backouse, Sharp que estão em Lisboa O astrónomo Rossi que vem observar o eclipse



1—Sr. Guedes d'Oliveira autor do livro *Tauromaquia Ategre*, 2—Coronel Artur Ernesto Coelho da Silva, falecido em Lisboa

3—Sr. Eugenio de Brito de Vasconcelos falecido em Coimbra

4—O jornalista inglez F. Duprè redator do *Standart* que vetu a Portugal estudar a situação politica e financeira do paiz

5—A representação do Auto de Gil Vicente *Fidalgo Presunçoso*, adaptação do sr. Cardoso Marta, pelos alunos da Escola Academica

6—Dr. Mauperrin Santos diretor da Escola Academica

7—O chefe do Estado com o escultor Costa Mota 8—Aspecto da exposição de ceramica do escultor Costa Mota (Clichés de Benoitel)

O DESAFIO DE "FOOT-BALL" ENTRE FRANCESES E PORTUGUESES.

O desafio de foot-ball entre a *équipe* portuguesa e o grupo francez da Vie au Grand air de Medoc, constituiu uma vitória magnifica para os jogadores nacionaes que no fim d'um renhido encontro fizeram 5 *goals*, não conseguindo nenhum os



1—O *team* francez
2—Um aspecto do jogo

seus adversarios. O grupo francez é considerado como dos melhores de França, sendo o campeão do sudoeste e no campo bem o demonstrou pelas suas qualidades de resistencia e saber. Os nossos jogadores foram d'uma extrema correção, sendo muito saudadas de parte a parte as *equipes* que tão distintamente se defrontaram.

O *team* portuguez (Clichês de Benoliel)

Estrellas de Paris



Jeanne Provost

A atriz na *Primerose*

(Cliché Reutlinger)

Por lhe não terem concedido licença para acompanhar o grande Guitry na sua proxima *tournee* na America do

Sul, Mademoiselle Provost acaba de apresentar a sua demissão de pensionaria da Comédie-Française. É um acontecimento que não deixa de emocionar o meio artístico parisiense. Com Mademoiselle Provost—a interprete deliciosa da *Rencontre*, de *L'Anglais tel qu'on le parle*, das *Marionnettes*, de *Poliche* e ainda ha dois dias da *Madame de Chavernier*, na *Primerose*—perde a casa de Molière um dos seus elementos mais preciosos. Nos papeis de *coquettes* Mademoiselle Provost foi sempre deliciosa, porque a invulgares qualidades de intelligencia, ela reune a



Jeanne Provost

1—(Cliché Félix)
2—(Cliché Manuel)

formosura, a elegancia extrema, todo o *charme*, toda a graça, toda a sedutora malicia de uma linda mulher de Paris. E eis porque os teatros extra-officiaes vão disputá-la e os parisienses não ficarão por muito tempo privados do grande prazer de a aplaudir.



VIOLONCELISTAS PORTUGUESAS

A *Ilustração Portuguesa* publica hoje algumas das mais distintas violoncelistas portuguesas, continuando assim a sua obra de propaganda da vida artistica da nossa terra onde a mulher vae conquistando o seu logar n'uma luta diaria destacando e sobresaíndo nas manifestações intelectuaes e criticas, assim como nas carreiras literarias e cientificas.



1—Sr.^a D. Dellina Cruz
 2—Sr.^a D. Florinda Avila
 3—Sr.^a D. Virginia Amelia Menezes Cabral
 4—Sr.^a D. Ester de Sá
 5—Sr.^a D. Maria Fonseca Fontes Pereira de Melo

A CASA DO POVO DA FOZ D'ARELHO.



1



2



3

1—O exterior da Casa do Povo 2—O interior da Casa do Povo
 3—Os convidados do sr. Francisco Grandela à porta da Casa do Povo: Sr. Maldonado Freitas, Deputado Afonso Ferreira, Dr. Adelino Pereira Gomes, Rozendo Carvalheira, Ferreira do Amaral, Dr. Frazão (de Peniche), Dr. Afonso Costa, engenheiro Amaral, dr. Joaquim Manuel Correia, Francisco Grandela, Sebastião de Lima, Gonçalves Neves, (Presidente da Câmara Municipal das Caldas)

(Clichés de Arnaldo Silva)

FIGURAS E FACTOS



1—O chefe do Estado à saída do salão Bobone, onde visitou a exposição do pintor João Trigo

2—Um aspecto da exposição

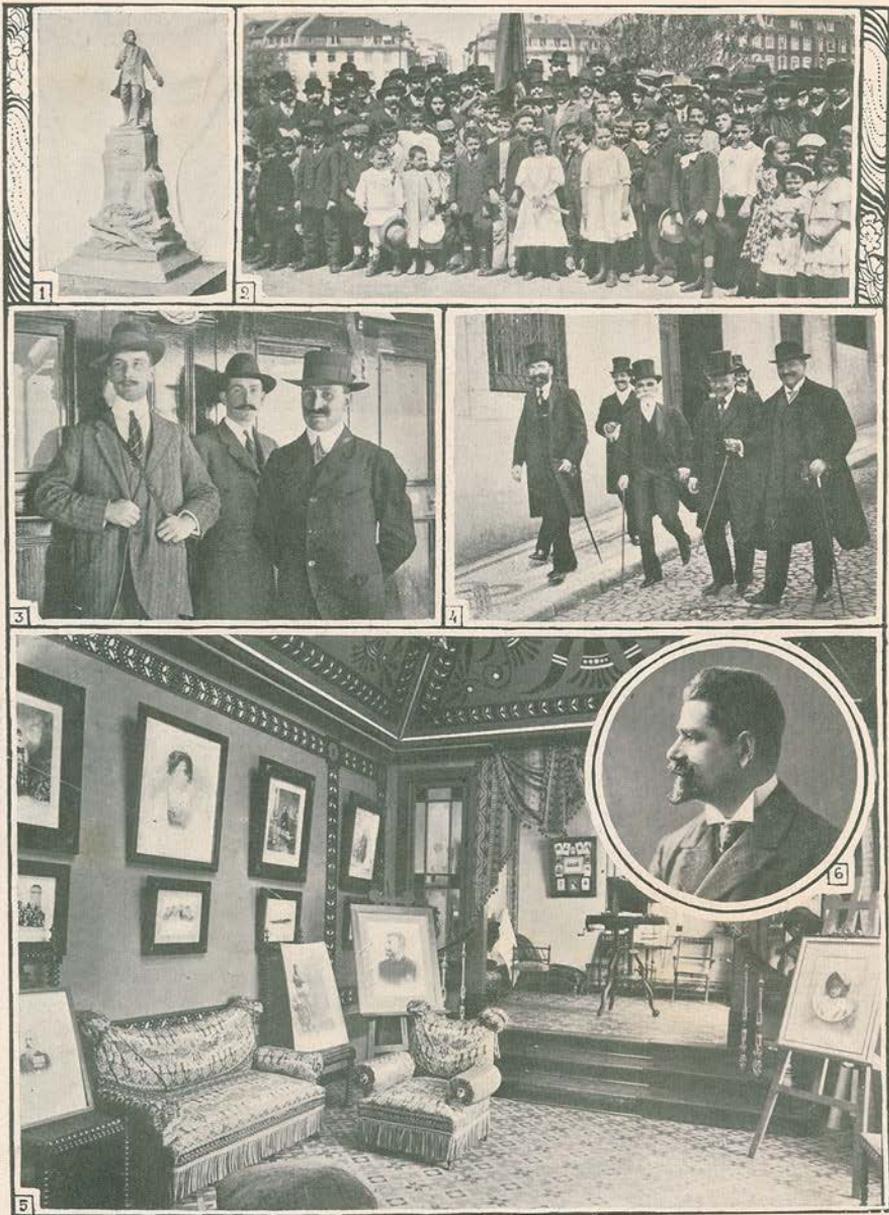
3—Ator Augusto Rosa que interpretou Badomi no *Apostolo* no Teatro da Republica

4—Raul Hyacinthe autor do *Apostolo*

5—Atriz Angela Pinto que faz o papel de Clotilde no *Apostolo*

6—Agostinho Franco, diretor geral da Estatística, ao qual se devem desde longos anos, quer colaborando quer dirigindo, valiosos estudos sobre a população, trabalho, movimento comercial e riqueza do país, tendo esses estudos servido de base a diversas reformas de grande alcance e justificado a sua promoção ao elevado cargo que ocupa.

7—Fundo de uma das mais amplias repartições da direção geral de Estatística (Clíches de Benoitel)



- 1—A «maquette» da estatua de Antonio José da Silva, o «Judeu», trabalho do escultor Costa Mota Sobrinho
 2—As creanças do Centro Boto Machado na despedida do patrono da agremiação nomeado consul de Portugal no Rio de Janeiro
 3—A missão franceza ao sueste d'Angola a bordo do *Portugal*: sr. dr. Garnier, Rohan, Châlot e capitão Grimaud
 4—A comissão que foi convidar o chefe do Estado para assistir ao Congresso Pedagogico
 constituída pelos srs. dr. Bernardino Machado, dr. Anibal de Magalhães, Borges Grainha, Caruona-e Vieira e Silva
 (Cliches de Benoit)
 5—O photographo sr. J. Fernandes 6—Um aspecto do «atelier» do distincto photographo sr. J. Fernandes de cuja fundação passou
 em 9 de Abril o 14.º aniversario

AS MULHERES NO EXERCÍCIO ALLEMÃO



A Alemanha militarisa todos os subditos. Primeiro os homens desde a virilidade até a velhice, o efetivo, a reserva, a segunda reserva, todos os cidadãos prontos para pegar em armas desde os mais novos aos mais velhos, dos mais pobres aos mais ricos.

Seuiram-se as creanças dos 14 anos em diante os *scout-boys*, agora surge a ideia da *scout-girls*, as raparigas militarizadas que já fizeram o seu primeiro exercício.

N'este ultimo ponto a França ainda não pensou mas as suas mulheres serão bem capazes de se organizar tambem mostrando-se as dignas descendentes das damas da Fronde que levavam ás alemãs uma vantagem: a de mostrarem além de valentia os mais elegantes e garridos trajos.



1—As sinalleiras 2—Os postos avançados



1—Uma esquadra 2—A chefe das avançadas 3—Um oficial transmitindo ordens nas avançadas
(Cliché Delius)